

# Gaúcho



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 7 de Abril de 1979 \* Ano XXXVI — N.º 915 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## Os Direitos da Criança

III — «A Criança tem direito, desde o nascimento, a um nome e a uma nacionalidade.»

Apenas se sabia que o seu nome era Mário. De tão pequenino que era e porque havia já na Comunidade outros Mários, até um Márto, este passou a ser chamado por Mariotito.

Os anos correram. Multiplicaram-se diligências para saber das suas origens... em vão. Era preciso registá-lo. Foi então que o diminutivo se separou do nome e deu lugar ao Mário Tito, que é hoje o seu nome oficial.

Um artifício que não logrou sarar a ferida sempre aberta naquele Rapaz. Era azedo, difícil. E, no entanto, tinha uma alma sensível que em certas ocasiões se manifestava. Hoje é casado, pai. Mas nem por isso cessou a angústia de uma ascendência ignorada, de um nome de Família que sabe não ser o seu.

Em Casas como as nossas, casos destes não são únicos.

De quantos, parecidos, me não estou lembrando! Ainda há semanas, em Obra com os mesmos fins, baptizei uma criança votada a tal abandono que dela se não sabe o nome, a terra... nada. A mãe deixou-a a uma ama e desapareceu. Que sentirá ela, como se comportará, quando adquirir consciência do seu drama?!

Exemplos flagrantes de crianças vítimas dos próprios que lhes deram o ser. Que direitos merecem estes, que fundamento lhes confere o sangue e a geração, ainda que um dia voltem? O arrependimento pode aproveitar-lhes, se for sincero; poderão esclarecer o mistério de uma vida mal começada; mas não podem apagar os traumas que porventura ficaram, ou irão provocá-los em quem estava liberto deles.

Porém, não é só este desconhecimento, total que rodeia o nascimento de alguns, que afec-

ta o seu direito a um nome, a uma nacionalidade. Há todo aquele número muito maior dos que, podendo até conhecer os pais, encontram vedado o uso do seu nome. Teríamos aqui o caso dos filhos de pai incógnito, às vezes também de mãe e mesmo dos dois progenitores, assunto tão longamente tratado ao longo dos anos nestas colunas. Nem pensemos que por a Lei ter melhorado, melhorou consideravelmente a sua aplicação, a tal ponto que tenham acabado os filhos sem nome de pai e de mãe. É que o processo legal, já de si frequentemente complicado, arrasta-se nas malhas da burocracia judicial e tarde ou nunca chega ao seu fim. Esta demanda da filiação de alguém é daquelas que não se consegue sem o calor afectivo que deveria climatizar toda a Legislação de Menores, desde a sua elaboração à aplicação mais remota. É vulgar ouvir-se falar de certas profissões como sacerdócio — e esta

dos Serviços Jurisdicionais de Menores bem pede que o sejam os seus servidores. Um mundo novo que, pelo menos entre nós, seria urgente criar!

E já que principiemos com um caso, termino com outro que de perto acompanhámos e serve de tipo à ansia de todo o homem normal a um nome de Família.

Ele andava pelos vinte anos. Usando o nome da mãe e sabendo da existência do pai,

queria muito tê-lo também. Foram voltas para o encontrar; mais voltas e despesas para toda a burocracia necessária à perfilhação. E aquele pobre homem, restituindo ao filho o nome que lhe pertencia, foi afinal quem mais ganhou, porque veio a receber dele e por ele atenções e auxílios de que carecia a quase indigência em que foi encontrado.

Padre Carlos

## FESTAS



## AQUI, LISBOA!

«Que valem os homens se não se amam uns aos outros? Que dizer deles quando não fazem caso da criança?» (Pai Américo)

No último número afluíram o primeiro direito da Criança, o de nascer, concluindo que, sem respeito por esse, todos os outros serão vazios de sentido. Hoje, a propósito do «Dia do Pai», falaremos das responsabilidades e da importância deste, na vida familiar.

Na época em que vivemos já ninguém duvida do papel insubstituível do pai na educação dos filhos, embora, trágicamente, ele continue ausente na maior parte dos casos. Uma coisa é certa, porém, a presença do progenitor na formação e na educação da prole é absolutamente necessária, não só para o equilíbrio afectivo e psíquico das crianças de ambos os sexos, a partir das primeiras idades, como no fornecimento dum «modelo» masculino capaz com o qual se possam identificar.

O pai não pode continuar a ser um simples angariador de fundos para o sustento da fa-

mília, chamado uma ou outra vez a intervir, quando se põe qualquer problema mais delicado ou é preciso, porventura, castigar as crianças. A falta de tempo, muitas vezes compreensível, não pode aceitar-se como justificativa da total ausência do pai na vida dos filhos. Há que investir nestes em todas as dimensões e os filhos são os maiores tesouros dos pais. Ora, se se arranja tempo para tudo, inclusivamente até para aquilo que não se devia, há que estabelecer uma prioridade de valores. O pai, representando a força e a protecção, deve estar aberto ao diálogo, como amigo e companheiro de todos os momentos, disponível para aconselhar e corrigir, apto a acompanhar o desenvolvimento dos filhos e, em comunhão com a mãe, pronto a assumir, no dia-a-dia, as suas responsabilidades. Um pai ausente é uma figura longínqua, cujos contactos nunca

serão apetecíveis ou desejados pelos filhos. O «modelo», que deve e pode fornecer terá de ser encontrado fora do ambiente natural que é a família, com todas as consequências que conhecemos.

A falta de tempo, repetimos, não pode ser nem é argumento válido daqueles que se furaram a tomar parte activa na formação e educação dos filhos. Há que encontrar espaços para escutar e compreender, criando um clima de confiança mútua e de serenidade, onde a firmeza se caldeie com a generosidade e a força se entrelace com o amor, porque baseado na justiça e na ajuda permanente. E se educar é formar para a liberdade, isto é, forjar pessoas conscientes e livres, nenhum pai digno desse nome se poderá eximir aos seus deveres. Que nos perdoem os pais que se ficam no simples

Cont. na 4.ª página

As nossas Festas em terras do Norte — que as do Centro e do Sul não tardam — partiram da estação e o comboio já parou em Amarante, Aveiro, Braga e Famalicão.

Em todos os lados o carinho de sempre, que daria longa nota de reportagem. Pequenas-grandes coisas que nos desvanecem, que nos confundem, que são forte incentivo. O amor brota em cachão!

Mas há provas de amizade e solidariedade tão discretas, tão familiares que não poderíamos deixar de sublinhar:

É um pacote de bolinhos saborosos que jovem senhora pousa nas mãos de um, em Famalicão, para que todos adorem a boca: — «É p'ra todos...!» E são ainda mais deles, aqui, de trabalhador do cine-teatro em sociedade com um habitué de nossas Festas.

Carícias e mimos sem conta!

É o rico almocinho da praxe, na terra dos jesuítas, cujos ditos saboreámos no fim. Senhor Abade, casualmente ali, nas quatro paredes, pergunta entre-dentes ao anfitrião: — «Quem paga isto?!» A moeda do negócio foi um sorriso delicado.

Já muito antes da Festa ser, insistiam de Braga: — «Quantos sois...?» No fim do convívio, grupo de senhoras entrega uma rica merenda acondicionada, na mão dos

Continua na QUARTA página



# PELAS CASAS DO GAIATO

## Paço de Sousa

**FESTAS** — Amarante já foi visitada. Estivemos lá no dia 25 do mês findo.

Nos anos anteriores, a sala era bastante fria e os actores «batiam o dente» nos camarins. Este ano, para nós, foi surpresa. Encontrámos a sala alcatifada, aquecedores de ambiente pelas paredes e camarins, etc. Estava tudo bem.

Como não queríamos chegar em cima da hora e para que os artistas se pudessem descontraír um pouco, fomos mais cedo do que a hora prevista. Levámos farnel e comemo-las nas mesas do bar do cine-teatro.

O público foi muito bom. Soube ver e aplaudir o espectáculo com todo o entusiasmo.

Não posso acabar sem, e em nome de todos, agradecer aos nossos Amigos de Amarante o carinho e o calor com que aplaudiram a nossa Festa.

Quando o espectáculo acabou eram 00 h e 15 m. Às 2 h. da madrugada estávamos em Casa, depois de termos desmontado tudo. Claro que durante a manhã foi dormir até ao meio-dia, porque o cansaço se tinha apoderado de todos nós.

**LAVOURA** — Estamos em cima da hora da sementeira da batata. A nossa não deve tardar. O tempo não tem contribuído nada para que os homens do campo possam acabar a poda das videiras. Mesmo assim, está quase pronta.

O nosso pomar também sofreu remodelações. Os pessegueiros e as macieiras foram tratadas e sulfatadas para que a colheita possa ser forte.



Mais um casamento! Agora, do Martins e esposa que aí estão na cerimónia do seu grande dia.

Da mesma maneira, o «Meno» também lá andou com o tractor a lavar e a preparar a terra que dá alimento às árvores.

Nestes últimos anos a nossa fruta tem sido muito pouca e nós somos uma Comunidade muito grande!

**ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA** — «Falar da criança é, quase sempre, acusar os adultos.» Porquê? Porque os adultos não lhe dão atenção? Porque os adultos não se lembram que já foram crianças e que a infância é a coisa mais bonita da nossa vida?

Bom, há dias, na nossa Capela, à oração da tarde, o P.e Carlos dizia-nos que «devem ser os adultos a preparar o caminho às crianças».

Se os adultos só pensam em si e deixam a criança que também tem os seus direitos, esquecida, é porque realmente não são os melhores pais das crianças. Há alguns dias atrás, na nossa Festa em Sande, perguntavam-me se nós cá em Casa fazemos alguma coisa com respeito ao Ano Internacional da Criança. Eu respondi afirmativamente. Estamos a fazer as nossas Festas e também pensamos nos mais novos, atendendo a que o prato forte são os nossos «Batatinhas». E, claro, cá em Casa os mais pequenos têm uma atenção muito especial da parte dos mais velhos que nas suas horas livres lá andam com eles pela mão.

A nossa Casa é para Crianças e, claro, elas vão crescendo e preparando-se para a vida, trabalhando, estudando e divertindo-se.

Nós, Obra da Rua, por natureza, sempre estivemos e estaremos a pensar todos os dias nos Anos Internacionais da Criança. As crianças precisam de ser educadas para a vida de uma maneira justa e limpa para que possam ser os futuros governantes que saibam olhar também pelos interesses da Infância.

«Marcelino»

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

**ACÇÃO** — Temos procurado acompanhar, percentualmente, a alta do custo de vida nas ajudas de todos os dias. Tem de ser! Como poderia um reformado das zonas rurais sobreviver, hoje, só com 500\$00 ou 1.000\$00?! Como poderíamos dar pão, caldo e conduto, seja a quem for, com uma bagatela?!

Em nossa acção há um caso que sempre nos preocupa. E, por vezes, nos deixa atónitos: a extraordinária loucura de alguns Auto-construtores, beneficiando ou não dos tais juros bonificados... Factos que arrepiariam o mais vulgar dos mortais e deveriam ser do conhecimento dos responsáveis do nosso País. As moradias sobem lentamente, hoje mais do que nunca, com o cinto do Auto-construtor apertadíssimo. A gente, ao ver e apalpar aqueles milagres, salpicados de calvário e ais profundos, apetece-nos ir mais longe...

A propósito: Foi no domingo pas-

sado. Aqui, bem perto. Deparámos um velho amigo para quem os problemas dos Outros são seus, também. Motivo: Auto-construção.

— Eu, aqui, já o tenho dito, melhor seria juntar-se um grupo e trabalharem em conjunto desde o princípio. Pró terreno seria mais fácil e económico. Para a construção, a mesma coisa...

Foi um desfiar! Trabalho difícil, mas rendível.

— É certo, continua ele, a nós cabe-nos esclarecer, dar força, dar a mão, pô-los em campo e permanecer na rectaguarda.

Manhã proveitosa! Que bom seria haver mais quem dê assim a mão, nos meios rurais. Assim mesmo, sem pieguices, sem complexos de esmolinha. O vicentino não pode entreter, mas ser motivo de promoção. E há tanto, tanto que fazer!

**PARTILHA** — Chaves com 200\$00 e pedindo «desculpa de ser pouco». Metade da «Lecista da Figueira» e de «Uma nulidade». São assim os grandes homens! Mais 100\$00 de Quitéria, de Litém. Assinante 13519 paga as cotas de Março e Abril: 1.000\$00. E mais 300\$00 da assinante 844. Viseu com 130\$00. O habitual da rua Pascoal de Melo, Lisboa. «Migalhita», de Santarém. Casal assinante 17022 «os duzentos estudos do costume». Romariz (Arrifana), donativo e desabafo: «Continuo com a minha pensão de reforma muito limitada e este ano ainda não aumentada, motivo porque envio a importância igual ao ano passado». Porto com 200\$00, «migalhinhos de Fevereiro e Março para os Irmãos mais necessitados» e pela mão da assinante 11162. Mais Porto com 100\$00 da assinante 14893. E mais Porto com 120\$00 de velho Amigo. E outra vez Porto com 50\$00 de um homónimo da Rua Nova do Túnel. Por fim, um documento valioso:

«Às dias quando fui resseber a minha reforma a chei esta nota. Como grassas a Deus a minha reforma me bai chegando rezulvi enviála para a Conferência para aqueles que tenham mênus que eu.»

Assina: Júlia («mal iscrito não sei melhor»).

Mas que bem!

Júlio Mendes

## Tojal

**DESPORTO** — É a primeira vez que escrevo para O GAIATO. E vou falar-lhes de desporto, que na Casa é sempre uma maneira alegre e sadia de ocuparmos os tempos livres.

No placard do refeitório apareceram cartazes convidando os Rapazes para se inscreverem nas várias modalidades, em ordem a uns campeonatos internos, previstos para breve. Assim há inscrições para xadrez, atletismo, ping-pong e outros desportos. Ora eu sou interessado pelo chamado ténis de mesa, para cujo torneio já há 16 Rapazes inscritos. Faltamos, porém, umas redes e algumas raquetes, pelo que venho solicitar aos nossos Amigos uma ajuda. Valeu?

Obrigado a todos e as melhores saudações do vosso

João Manuel

## Venda de O GAIATO no Centro do País

**CANTANHEDE** — Vendo em Cantanhede com o meu irmão Toninho e vendemos uma média de 200 jornais. Como em todos os lados os nossos amigos daqui também nos recebem muito bem.

Quero agradecer à empresa de camionetas José Maria dos Santos, que nos tem deixado passar de graça nas suas carreiras. A todos um grande abraço.

Joãozinho

● Eu sou vendedor de O GAIATO em Coimbra e Cantanhede. Vendo 500 jornais e ando no ciclo. Gosto muito de vender O GAIATO, porque sou recebido com muito carinho e amizade.

Para terminar mando um abraço a todos vós.

Toninho I

**MEALHADA** — Também sou vendedor na Mealhada, onde vendo 80 jornais e sou muito bem recebido. Parto de Coimbra, depois das aulas, à boleia, e regresso ao fim da tarde à boleia também. Um grande abraço para os amigos da Mealhada.

João Paulo

**ANADIA** — Amigos: sou vendedor em Anadia há um ano e o meu companheiro agora é o Paulito. Nesta vila vendemos 180 jornais. Sempre gostei de vender e aproveitamos a tarde em que não temos aulas, pois somos estudantes. Estamos à espera de arranjar boleia, mas lá conseguimos apanhá-la.

Em Anadia as pessoas aceitam-nos de boa vontade e com muitos carinhos. Por isso, um abraço para os nossos Amigos.

Adelino

**CONDEIXA** — Sou vendedor em Condeixa há quase 3 anos. Como sou estudante só posso ir à quarta-feira de tarde. Vou à boleia. Muitas vezes aborreço-me por estar muito tempo à espera de boleia, mas não desisto.

Nessa vila faço uma venda aproximadamente de 60 jornais. Agradeço o carinho que me dão e desde já um grande abraço para todos.

Carlitos

**POMBAL** — O Dias vende também em Pombal e tem que ir à boleia numa tarde em que não tem aulas. Tem lá muitos amigos e apa-rece com prendas. Nós temos muitos em nossa Casa que são de Pombal. As nossas saudades, Amigos!

**CEIRA** — Como é pertinho de Coimbra, o Dias vai a Ceira ao domingo. Vende e vem-se embora para junto dos seus amigos de Coimbra. Mas em Ceira há muitos amigos.

Fiquei com a venda na Lousã, pois os mais pequenos não podem, por causa da escola. Temos muitos amigos na Lousã e vendemos lá bem. Vendo 160 jornais e como sempre um bom almoço.

Muito obrigado a todos.

Manuel António

**MIRANDA DO CORVO** — Dizem que os santos da porta não fazem milagres, mas em Miranda temos grandes amigos. Gosto muito de cá vender o jornal e aceito sempre o apetitoso almocinho que me oferecem, embora esteja à beira de nossa Casa. «Comer bem é em casa dos amigos!»

Tratem-nos sempre bem, Muito obrigado.

Manuel António

**CASTELO BRANCO** — Eu, Manuel António, mais conhecido por «Fininho», por ser muito magrinho, branquinho e alto, sou vendedor há 2 anos. Sou carpinteiro e agora estou a estudar de noite.

Vendo 200 jornais, mas no Natal e na Páscoa aparecem pessoas e vendo mais. Eu gosto muito de Castelo Branco, pois foi onde comecei a vender e onde vejo que as pessoas têm muita amizade por mim.

Vou despedir-me de todos os nossos amigos com abraços de alegria.

Manuel António «Fininho»

● Chamo-me Pedro e vendo com o «Fininho» em Castelo Branco. As pessoas dão-me muito carinho. Muitos abraços para os amigos.

Pedro

**PROENÇA-A-NOVA** — Queridos Amigos: Sou vendedor de Proença e todas as pessoas me dão carinho e amor. Todas as pessoas compram o jornal.

O meu nome é Fernando, mas a minha alcunha é «Patinho». Eu gosto muito de ir vender a Proença. Adeus, Amigos.

Fernando «Patinho»

**SERTÁ** — Eu vendo em Coimbra e também na Sertá. Gosto de vender o jornal porque todas as pessoas me dão amor.

Chamo-me Vítor, mas em Casa chamam-me «Finote», por eu ser irmão do «Fininho». Muitos beijos a todos os Amigos.

Vítor «Finote»

**FIGUEIRÓ DOS VINHOS** — Chamo-me Agostinho e vendo em Figueiró dos Vinhos há quase um ano. Vendo poucos jornais, mas todas as pessoas me recebem bem. Peço que comprem mais jornais. Obrigado amigos de Figueiró.

Agostinho

**ALPEDRINHA** — Eu gosto de ser vendedor do jornal e vendo em Alpedrinha. Vendo há pouco tempo e às vezes arranjo muito dinheiro. Obrigado.

Miguel





# AGORA

Alegro-me porque, não faltando nesta saída quaresmal da **procição** tantos que ao longo dos anos a vêm mantendo, hoje vejo muitas caras novas que lhe dão mais vida e nos prometem que este fiozinho não há-de secar, enquanto tiver razão de ser. E quando deixará de ter? Quando acontecerá que todo o homem tenha telhado que o abrigue de acordo com a sua dignidade de filho de Deus? É tarefa para muitos, muitos anos, se lhe dermos a prioridade que reclama. É projecto em que temos de acreditar dando-nos a ele com toda a nossa alma. Nunca me esqueço da palavra daquele Pároco de aldeia, que experimentou e deu a explicação de tudo quanto já fizera (e continua a fazer!): «Estas casas fazem-se, se primeiro as fazemos no nosso coração». Quem dera que fôssemos multidão os ansiosos de semelhante experiência.

Pois aí estão os **Pessoais** da ex-HICA, e os da Caixa Têxtil, hoje, todos os meses, há mais de duas dezenas de anos. E «Cruz» da Beira, actualizando a memória de seu pai. E M. M.-A. L. E o J. P. R. com seu sorriso portador de paz e uma tal delicadeza extrema, como quem diz obrigado em cada envelope que entrega. E aqueles Pais «cheios de saudade do seu filho» que, «faz hoje precisamente oito anos, partiu para o Céu». E a Mary sempre fiel à «campanha dos 30.000 x20». E outra Maria, de Ois da Ribeira. E outra ainda, de Aveiro, «com a alegria de partilhar, não só como devoção, mas também por obrigação». E os quinhentos do Porto, de «uma assinante qualquer». E aquela que deposita aqui tudo quanto teria de pagar se não lho dessem. Gestos que Deus inspira e abençoa. Por isso nunca cansam.

De Guimarães, cheque de

vinte contos, «primeira pedra da Casa Padre Cruz, promessa muito antiga». Cem de «um reformado de Sintra». E cinco vezes mais para a Casa louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

O artigo do P.e Moura, «A dos Pobres se não fossem os Pobres», actuou como um despertador. Tal como aquele caso da Falagueira, tal como vários que ao longo do tempo aqui têm sido declarados. Cada caso vale como parábola de situações que a incúria dos homens tem permitido, como chamamento a uma reparação que urge. Alegramo-nos, sim; mas não nos podemos aquietar porque um teve resposta, sabendo que ficam milhares à espera dela.

Assim sentem e agem os que se abrem ao Espírito do Amor e se deixam levar por Ele, por caminhos de coragem:

**«Em tempos, fui tomada dum desejo: oferecer 20.000\$ para ajudar a concretizar a construção duma casinha. Sonhei com a minha pequena oferta concluir um telhado. Cobrir alguém que sintia frio e a chuva. Não são vinte contos que realizam tudo. Eu sei. Mas podem ultimar. Podem acabar de resolver este anseio, para irmãos nossos. Deus desloca-se por caminhos misteriosos.»**

**Como fazê-lo sendo eu uma viúva de escassos rendimentos?**

**Em Dezembro último, enviei dois cheques de 500\$. Em Fevereiro outro. Faltam-me 18 mil e 500\$. Quanto tempo me faltaria ainda? E o desejo era cada vez maior. Tomei uma resolução: desfazer-me duma pequena jóia. Algo que me lembrava alguém muito querido... Não hesitei e dei graças a Deus, por me iluminar. Estou radiante por o fazer. Acredite.»**

Vamos agora correr mundo ao encontro de Irmãos que

vêm de braços abertos. Braga: «Neste dia de S. José, envio esta oferta em sua honra». Alcobça: «Uma pedrinha a juntar a muitas outras». Aveiro: «Gosto muito de ler O GAIATO, mas fico pensativo e triste por não poder valer a todos os necessitados que nele apontam». Linda-a-Velha: «Como se aproxima a Páscoa e a vossa Obra é, para mim, a que mais me toca, peço-lhe que distribua da melhor maneira». Lisboa: «Com muita amizade e gratidão pelo bem que fazem a muitos e a mim, despertando o meu coração para fazer melhor». Porto: «Para distribuir como melhor entenderdes, sufragando as almas de Maria, Laura, Ana, Manuel e Idalina». Riachos: a Maria Helena. Algueirão: o Assinante 31474. «Uma assinante de Gaia». Porto: «Com um abraço para todos vós, oxalá esta pequena importância ajude a animar a feliz iniciativa da Auto-construção». Coimbra: Maria Amélia e o Assinante 17381. Setúbal: o Assinante 31747. Santarém: «Duas Irmãs» e a Assinante 23541. O «Romeiro do Porto»:

**«Depois de ver concluída a 1.ª casa, abrimos conta para simbolicamente iniciar a 2.ª casa sob a invocação de S. José. Alertados pela falta terrível de casas e pelo SOS lançado em O GAIATO, vamos recomençar a 3.ª fase, com um cheque de 5.000\$.»**

Vila Nova de Cerveira: «Que Deus me dê sempre trabalho para assim poder tirar estas migalhinhas do meu modesto ordenado». Trancoso: «Gostaria que fosse para ajuda de uma casa, mas pode ser para outra qualquer coisa mais urgente». Foi como gostaria. Viseu: Uma mensagem tão preciosa que eu nem sei em que contexto a hei-de dar à estampa, mas hoje não a dou. Porto:

**«Li e senti o problema daquela pobre mãe preta, que espera um filho para este mês, e que terá de deslocar mais um berço, além das três camas que já tem, para fugir aos pingos da chuva, durante a noite... Eu também sou mãe de cinco filhos, todos nascidos em Moçambique, onde vivi 22 anos!**

**As vicissitudes da vida e formatura de quatro filhos e toda esta situação inflacionária, colocou-nos em situação difícil. Tenho ainda saudades daquela gente, humilde e simples, com quem contactei tantos anos da minha vida... os melhores anos da minha vida! Lá amei, lá constitui o meu lar, lá tive grandes alegrias e grandes sofrimentos. Lá ficou também a nossa casinha, confortável e quase totalmente paga com as economias da nossa vida de trabalho honesto! E aqui, graças a Deus, encontrei uma casa de meus pais, de portas abertas para nos receber, uma casa que não corresponde à**

que lá deixámos, mas nem por isso preciso de deslocar as camas, para fugir à chuva!

**Eis porque venho pedir para colaborar comigo, a fim de fazer com que a minha pobre oferta possa ajudar a tapar algum buraco, daqueles que afligem a pobre mãe preta!»**

Ermesinde: «Estou a chegar à conclusão de que nem sequer devo aspirar à minha casa, porque outros nada têm». Lisboa: Assinante 29044 e Madalena, da R. dos Lusadas. Nisa: Leonor. «Perto» de Lagos: Alguém. Algés: para a «Casa do Licenciado». Porto: «Junto uma importância cuja aplicação deixo ao vosso critério». Que bom! Quando assim nos falamos, já se sabe: AGORA!

Caxias: M. Helena. Olivais: «De há muito desejava enviar uma pequena oferta para o que fosse de maior urgência, especialmente para a Auto-Construção, que me parece dever ser cada vez mais encorajada. Só que a «migalha» é uma boa fatia! Lisboa: «Deus permita que a cadeia não se quebre e ele (o da Falagueira) consiga realizar o seu sonho — o de tantos!» Ora aí está «o sonho de tantos» a estimular-nos. Outra vez Gaia: o Jorge e o Carlos. E outra vez Lisboa: a Maria do Céu. E outra vez Coimbra: «Tenho o pensamento na Família a que se refere o P.e Moura; mas não quero ser eu a dar o destino ao que envio». S. Pedro do Sul: «Infelizmente o dinheiro que se gasta inutilmente dava para aliviar a pobreza de tanta gente». Mem-Martins: «Um bem-haja por toda a solidariedade e elo de ligação que é a Obra da Rua, entre necessitados e os que podem ajudar». Portimão: «Por ter de acudir a necessidades urgentes mais ao pé da porta, não me foi possível enviar em Janeiro, como costumava, o meu pequenino contributo — do que peço desculpa». Porto: «Pela intenção do vosso assinante já falecido, Marcelino».

E agora, não sei de onde, a Antonieta que, com algumas amigas ergueu aqui a sua pirâmide; a Maria e o Carlos com «dois tijolos», «para uma ajuda dum colchão». «Fico feliz por esta ajuda tão pequenina,

mas que me dá alegria porque tanto desejamos, eu e meu marido, ter casa nossa e não conseguimos. Não tenho fortuna. Tenho aquilo que o nosso trabalho e vida regrada nos têm permitido. E que Deus me vá sempre dando esta necessidade de repartir!»

Viseu: «Há tempos o meu filho fez um negócio e ganhou; lembrou-se de dar-me algo para ajudar quem precise e concordou que mandasse também para O GAIATO. Os senhores sabem onde melhor será aplicado».

E terminamos em Lisboa, com esta carta:

**«O cheque junto destina-se a cumprir um desejo meu de há anos, no tempo ainda do Padre Américo: ajudar a construir uma casa do Património ou, se for mais pertinente a prioridade, ajudar os Auto-construtores. Porque me desobrigo sómente agora? Porque não tive coragem de oferecer com sacrifício, com autêntica doação, de subtrair-me algo a que sentisse mesmo a falta. Mas, depois ter podido dar um pequeno empurrão a cada um dos dois filhos para a aquisição de morada própria, ficou-me o remorso do adiamento da ajuda aos mais carecidos. Sinto-me, por isso, contente apenas a alguns por cento, pois, descontado um pouco de saboroso desprendimento, privei-me do melhor, que seria o carrear de migalhas desprendidas, ano a ano ou mês a mês, do orçamento caseiro. Só desejo agora que este contributo vá levar alguma felicidade a alguém necessitado ou a algum aflito em cima da hora, ajudando-o como o Senhor me tem ajudado, até hoje, nos lances de mais apuro.»**

Não me tenho esquecido de, uma vez por outra, rezar pelos Padres de Angola. Deus permita que o seu sofrimento não resulte inútil. Desejamos, minha mulher e eu, aos Padres da Rua e aos Gaiatos, uma Páscoa renovada de esperança na compreensão dos valores do sagrado e do afectivo, base da inter-ajuda entre os homens, da inter-acção entre forças complementares mas não dialécticamente hostis.»

Padre Carlos

FUNDÃO — Caros amigos: chegou a altura de vos dizer do meu compromisso de levar-vos o nosso e vosso famoso jornal.

Sou carpinteiro e tiro um dia todas as quinzenas para distribuir o nosso O GAIATO no Fundão, onde sempre fui recebido com muito carinho nestes três anos.

Para todos os Amigos um grande abraço deste vosso distribuidor.

Carlos Manuel

TORTOSENDO — Eu gosto de ser vendedor do nosso jornal em Tortosendo. A venda cansa um pouco as pernas, mas eu gosto de ser vendedor. Arranjo uns 300\$00 e muitos mimos. Obrigado pela minha venda.

Toninho II

COVILHÃ — Eu também vendo na Covilhã e gosto muito de vender, pois toda a gente me aceita como filho.

Espero que os meu caros leitores

gostem de ler a nossa mensagem e que continuem a aceitar-nos bem, como nós vos aceitamos nas nossas Casas do Gaiato.

Um abraço para todos os Amigos.

Helder

● Chamo-me José Fadigas e vendo na Covilhã, com meu irmãozinho Rui, há três meses. Têm-nos aceitado com muito amor.

Termino com abraços e beijos de nós dois.

Fadigas e Rui

● Comecei há pouco a vender na Covilhã. Sou carpinteiro e chamam-me «Chola», mas o meu nome é José António.

Quando chego à Covilhã o meu maior desejo é encontrar-me com os amigos que me compram o jornal e me tratam bem.

Muito obrigado e um abraço do vosso amigo

«Chola»



Carlita, filha do Marinho do Tojal, no dia do baptizado.



# AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª página

gerar, que disso também as bestas são capazes!

No exemplo de S. José — Pai putativo do Mestre — poderão os pais cristãos encontrar o modelo a seguir. Amparo social e material da Família de Nazaré, protector nas horas difíceis, como a da fuga para o Egipto, Ele indica a indispensabilidade do elemento masculino na educação e crescimento do Filho de Maria, a cujo recurso o próprio Deus não se eximiu. A complementaridade do Pai e da Mãe no desabrochar e desenvolvimento dos filhos tem um valor absoluto que não se pode desprezar ou esquecer.

Estamos certos que muitas fugas de casa, muitos choques de mentalidades e outros despistes de comportamento ou frustrações sentidas, seriam evitáveis, se os progenitores, pais e mães, assumissem em conjunto o que lhes compete, formando uma unidade de amor e responsável. E ao pai, diga-se de passagem, não diz respeito papel de menor valia, pelo seu exemplo e pelo seu espírito de sacrifício e de doa-

ção, procurando estar presente e atento aos seus filhos. Deste modo, meio caminho estaria andado, na defesa eficaz e empenhada dos Direitos da Criança. E abençoados pais que, embora cansados do corpo ou da mente, ainda encontram forças para se devotarem aos filhos.

● Noticiaram os jornais as violências cometidas por um sádico, na zona de Monsanto, em Lisboa, sobre um mocinho de dez anos, que o levariam à morte. Há pouco, no Porto, apareceu esquartejada uma criança de três meses. Falta-nos o tempo para acompanhar a par e passo o que os periódicos vão dizendo, aliás muito pouco dos crimes que se cometem. Se fossem possíveis estatísticas seria caso de pormos todos mãos à cabeça. É diabólico o espectáculo. Há, porém, muitos tipos de ultrajes e de violências, não raro por omissão, aos menos atentos.

No outro dia fomos ao Tribunal de Menores e falámos com alguém que está a par dos problemas ali correntes ou nos chamados Tribunais de Famí-

lia. É uma tragédia. As separações, os abandonos e a fuga às responsabilidades por parte dos pais levam ao caos. Pobres crianças, de tanto se falar nos seus Direitos, parece até que os homens e a sociedade esquecem cada vez mais de exercer os seus Deveres para com elas!

● FESTA — Está finalmente marcada. É no próximo dia 27 de Maio, pelas 11 horas da manhã, no Cinema Monumental. Sabemos que os ensaios já começaram. Não pensamos, porém, intrometermo-nos em assuntos que aos Rapazes dizem respeito: A Obra é deles, por eles e para eles. Limitar-nos-emos a acompanhar interessados os seus esforços, dando opinião sobre algo que nos seja posto ou resolvendo qualquer problema de maior. De resto, nem de jeito nem de tempo dispomos para tal.

● TORNO — Vai chegar sem dinheiro para tal. Iremos dando notícias sobre o assunto, que consideramos importante. A confiança que depositamos na Providência e nos homens, continua a ser a mesma de há 16 anos, quando nos tornámos responsável por esta Casa.

Padre Luiz

mais pequeno. Não há derrota dum nem vitória doutro. A coisa dá-se como num lar pequeno quando é acrescentado por mais um bebé para quem todas as atenções estão voltadas, sem, contudo, afastar o outro já mais crescido. Pois cá em Casa também é assim. O nosso «rei» é um Marinho que safu dum mundo velho e veio saborear o colo e as mãos dadas de muitos irmãos que saíram de meios idênticos. As nossas obras! Cada vez precisamos mais delas prontas para que os ambientes dantes, sejam verdadeiramente esquecidos, pelo conforto humano de que eles precisam. Não será preciso dizer-te mais. Eu já disse que não temos jeito para pedir. Precisamos de ferro, pedra, areia, cimento, madeiras e azulejos e tudo o mais com que se constrói uma casa onde não falte a beleza.

Ernesto Pinto

vaqueiros para irem ver se um cordeirinho que tinha nascido no pasto, estava bem. Ele próprio deu notícia de que ajudou a tirá-lo da barriga da ovelha, mas que não sabe fazer mais nada. Foi então que o Chico se levantou e foi em direcção ao rebanho, pois segundo eles, é preciso tirar não sei quê da língua do recém-nascido. Daqui a pouco vi mãe e filho a serem conduzidos para o curral. A Natureza e eles na Casa do Gaiato... A Escola.

■ Temos mais um «rei». Ao contrário do que tem acontecido pelo mundo, os nossos «reis» vão-se sucedendo conforme a entrada de um outro

## Lar Operário em Lamego

O apontamento de hoje é novamente sobre o jardim infantil em Samodães. Estas obras não surgem dum dia para o outro, nem são trabalho de um só. As dificuldades levantam-se de todos os lados e quando julgamos ter na mão o fio da meada, aparecem novos problemas. É isso, porém, que dá valor aos empreendimentos. Doutro modo qualquer iniciativa, sem luta, sem sacrifícios, sem noites em claro, sem doação, sem entrega total, sem deixarmos aqui e acolá pedaços da nossa vida, tornar-se-ia tão fácil como a água que bebemos e não teria o calor das almas, nem o valor da inteligência,

■ Hoje acompanhei os vendedores no caminho que vai de Setúbal — do nosso Lar — até aqui, à nossa Casa. Segunda-feira, era dia de irem visitar algumas empresas que abrem as suas portas aos pregoeiros de O GAIATO. Um fala, outro diz disto, outro conta daquilo. «Vila Real» levanta a voz e conta que recebeu convite de seis pessoas para almoçar. E não se contentou com isto. Ele nomeou o que comeu. Nós saboreamos o carinho de que eles são alvo, melhor do que o lauto almoço que o «Vila Real» nomeou. Faz-nos regressar ao passado e vermo-nos sentados nos hotéis das termas junto a outros hóspedes e a disputa que havia para que as pessoas nos sentassem a seu lado. O bem que isto fazia ao vendedor... O que isto representa para um certo número que não se dão por derrotados e olham o vendedor de O GAIATO com olhos de quem quer ver melhor.

Ora nós precisamos todos de enxergar melhor para não sentirmos o peso da derrota. Precisamos que todas as portas se abram aos nossos vendedores e vejam neles propagadores de algo que a todos faz falta. «Recebi convite de seis pessoas para almoçar»...

■ Era domingo. Havia jogo de futebol dos nossos com um grupo de fora. Alguns assistiam. Outros passeavam. Outros tinham as obrigações que é preciso fazer mesmo ao domingo. Eloi, que é o cozinheiro do Lar e tem 16 anos, andou a passear e veio junto dos

# FESTAS

Continuação da PRIMEIRA página

festeiros, como sempre fora tradição no Teatro Circo. O tempo passa, mas o gesto mantém-se com o fervor da primeira hora.

Em Aveiro, opífera ceia servida pelos colaboradores do Teatro Aveirense, que até saíram para a rua a recolher ofertas!

Salas a rebentar pelas costuras! E quentes aplausos no decorrer dos números do repertório, mais significativos para os «Batatinhas», nossa imagem viva do Ano Internacional da Criança.

Júlio Mendes

## ZONA NORTE

- 11 de Abril — Teatro S. Pedro — ESPINHO  
17 » » — Cine-Teatro Caracas OLIVEIRA DE AZEMEIS  
19 » » — COLISEU DO PORTO  
Bilhetes à venda: Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54 e bilheteiras do Coliseu  
25 » » — Teatro Ribeiro Conceição LAMEGO

## ZONA CENTRO

- 28 de Abril, às 21 h — Salão dos Bombeiros Voluntários — MIRANDA DO CORVO  
1 » Maio, » 15,30 e 21 h — Teatro Avenida COIMBRA  
4 » » » 21,30 h — Teatro Cine COVILHÃ  
5 » » » 15,30 » — Cinema Gardunha FUNDÃO  
6 » » » 15,30 » — Cine-Teatro CASTELO BRANCO

## ZONA SUL

- 27 de Maio, às 11 h — Cinema Monumental LISBOA

Os bilhetes encontram-se à venda em cada uma das referidas salas.

ginar uns pequenos «bibos» todos desiguais, que as crianças vestirão depois de tomar banho. E começamos a perguntar onde será mais barato a compra de pequenas tinas e do esquentador da água. E tudo isto, à mistura com variadíssimas ocupações de outro género, vão tomando conta das horas do nosso dia e entram afoitamente pela noite adiante.

Hoje ficamos por aqui. Na

próxima crónica vamos falar de azulejos com figuras alusivas ao jardim. A acção do jardim tem de ir mais além do que receber umas 35 crianças. É nosso desejo atingir as famílias, provocar choque nos jovens e ajudar a levantar o nível em que actualmente vive Samodães, terra de gente boa, mas que tem recebido pouco porque pouco se lhe tem dado.

Padre Duarte



Director: Padre Carlos      Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 38.000 exemplares